

A INFÂNCIA COLONIAL E A VIVÊNCIA DA GUERRA EM AS AVENTURAS DE NGUNGA, DE PEPETELA: UMA ESCRITA DE RESISTÊNCIA

Diego Bonatti ¹

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo investigar a representação da infância marcada pelo colonialismo e pela vivência da guerra em *As aventuras de Ngunga*, de Pepetela enquanto configuração de uma narrativa de resistência. O protagonista, Ngunga, é um menino negro vítima do poder colonial, condenado a uma vida de ausências. Enquanto sujeito-filho de Angola, o personagem representa o nascimento de uma nova nação, que apesar da violência da colonização, e dos horrores da guerra, luta para crescer alcançar a autonomia. Nessa perspectiva, ainda criança, ele encontra abrigo no MPLA - Movimento Popular de Libertação de Angola, do qual decide fazer parte e ajudar na luta pela independência do país. Embora num corpo infantil, Ngunga em paralelo à história política de Angola, amadurece e se emancipa, tornando-se, aos poucos, um verdadeiro cidadão, consciente de seu papel no enfrentamento à dominação. Por conseguinte, conceitos de autores como Bosi (1996), Fanon (2008), Bonnici (2009) e Tutikian (2006) deram base à investigação.

PALAVRAS-CHAVE: Resistência. *As aventuras de Ngunga*. Pepetela. Literatura pós-colonial.

ABSTRACT: This paper aims to investigate the representation of the childhood marked by the colonialism and the experience of war in Pepetela's *As aventuras de Ngunga* while a narrative of resistance. The protagonist, Ngunga, is a black boy victim of the colonial power, and fated to a life of absences. As a subject-child of Angola, the character represents the birth of a new nation, which despite the violence of colonization, and the horrors of war, struggles to grow and to achieve autonomy. From this perspective, despite being a child, he finds protection in the MPLA -Popular Movement for the Liberation of Angola, which he decides to get in on, and to help in the struggle for the independence of the Country. Although in a childish body, Ngunga, in parallel with the political history of Angola, matures and emancipates himself, gradually becoming a true citizen, aware of his role in facing the domination. Therefore, concepts from authors such as Bosi (1996), Fanon (2008), Bonnici (2009) and Tutikian (2006) based this investigation.

KEYWORDS: Resistance. *As aventuras de Ngunga*. Pepetela. Post-colonial literature.

Introdução

Embora o termo “pós” signifique após, depois, algo posterior a uma situação já finalizada, (DICIO, 2019), na pós-colonialidade este prefixo é mais abrangente. O período compreendido pelos estudos pós-coloniais se refere desde a chegada dos povos “colonizadores” ou dominadores, até os desdobramentos de independência da colônia e os efeitos causados pelo processo colonial na atualidade, segundo Bonnici (2009a).

¹ Mestrando em Letras pela UFRGS, linha Pós-colonialismo e Identidades. Graduado em Letras – Inglês pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, URI – Câmpus Frederico Westphalen - RS. Bolsista CAPES. E-mail: diego.bonatti@bol.com.br

Bonnici (2009b) explica que a pós-colonialidade é permeada por estudos culturais e pela literatura produzida neste contexto. A literatura pós-colonial é “[...] o resultado da experiência de colonização baseada na tensão com o poder colonizador.” (BONNICI (2009b, p. 26), ou seja, a escrita passa a questionar e denunciar aspectos ideológicos europeus que foram transmitidos e instituídos como plenos e indubitáveis sobre os escravizados e demais povos colonizados. É neste ponto que o texto se torna instrumento de luta, insubordinação, questionamento, denúncia, quebra da hegemonia e resistência.

A resistência, para além de um conceito usado na literatura, revela os aspectos éticos e ideológicos do escritor que se posiciona por meio do texto literário e representa o real com vistas a questioná-lo e criticá-lo, promovendo reflexões sobre um tema de relevância social. Bosi (1996) caracteriza a resistência como uma espécie de luta política que se torna posicionamento ético expresso através da escrita como forma de questionamento dos valores socialmente difundidos.

Por conseguinte, é por meio de uma literatura pós-colonial engajada que Pepetela², o escritor angolano e ex-integrante do MPLA - Movimento Popular de Libertação de Angola, vai evidenciar o papel resistente da escrita, na qual ficcionaliza aspectos sociais da vida em Angola, tais como a persistência da colonização, e a vivência da guerra na obra *As aventuras de Ngunga*. Não só a escrita da obra pode ser considerada um ato de resistência pela temática, mas também pela temática da narrativa e das ações protagonizadas por Ngunga.

Conforme Lauriti (2008), *As aventuras de Ngunga* foi escrito em 1972, e só publicado em 1973 de forma mimeografada enquanto Pepetela ainda fazia parte do movimento MPLA. A criação da obra ia de encontro à necessidade de que “[...] o ensino nas escolas de base do MPLA requeriam textos de apoio que pudessem ser lidos em sua própria língua – o Mbunda.” (LAURITI, 2008, p. 1). Para o autor, três aspectos alicerçam a obra: as atividades de guerrilha, a ideologia do movimento, e o imaginário infantil, que juntos constituem uma obra de valor estético, apesar do caráter didático.

Já Aquino e Lopes (2013) estudam a obra na perspectiva da identidade e da tradição. Para os autores, a representação das tradições ajuda no processo de construção da identidade angolana à medida que os guerrilheiros estabelecem relações de oposições com seus “outros”, os portugueses. Assim, estar engajado no movimento pela libertação do país une os angolanos

²Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos.

e faz com que eles se identifiquem com sua terra. Pepetela, nessa perspectiva, tem papel fundamental na consolidação da nação angolana por produzir uma literatura pós-colonial que não apenas reescreve a história do país africano, como também revisa as tradições, adaptando-as à liberdade trazida pela independência.

Nesta perspectiva, este trabalho vai investigar a escrita de resistência da obra, a partir de um percurso que ilustre a vivência da guerra e os efeitos da colonização.

Colonização e Guerra de Independência na Angola

A colonização portuguesa, muito mais do que um evento físico de dominação territorial, cultural, e de corpos sobre espaços e povos considerados “inferiores”, constituiu, primeiramente, a colonização por meio da linguagem. A chegada dos portugueses na África “descobre” esse território perante os olhos da Europa, logo, os portugueses, neste caso, instituem uma nova história e uma nova identidade para o continente. Tutikian (2006, p. 93), sobre essa problemática, destaca a imposição cultural sobre o colonizado: “[...]esquece-se o passado africano e assume-se uma história outra, a portuguesa. Essa superposição ocorreu por violência implícita (a catequese) e explícita e fez da língua seu instrumento de conversão ideológica.”

Quando os portugueses chegaram à África em 1484, eles de fato empregaram da violência física para dominar os povos que ali habitavam, impondo-lhes a condição de escravizados, que mais tarde foram enviados à América para o trabalho forçado em minas de metais e pedras preciosas, e nas plantações de cana-de-açúcar. Entretanto, sobre o processo colonizatório, Fanon (2008) ressalta o poder da língua enquanto instrumento de dominação e depreciação do sujeito negro. Ao falar a língua do colonizador, o colonizado recebe, sem perceber, os valores racistas que o subjagam. Sobre a posição de igualdade entre o negro e o branco, Fanon assevera:

Quanto mais assimilar os valores culturais da metrópole, mais o colonizado escapará da sua selva. Quanto mais ele rejeitar sua negridão, seu mato, mais branco será. No Exército colonial, e especialmente nos regimentos senegaleses de infantaria, os oficiais nativos são, antes de mais nada, intérpretes. Servem para transmitir as ordens do senhor aos seus congêneres, desfrutando por isso de uma certa honorabilidade. (FANON, 2008, p. 34)

Dessa forma, Angola passa a ser oficialmente colônia de Portugal, tendo o português instituído como língua oficial até hoje, e as línguas nativas passando a ocupar um papel

secundário. Em 1559, com o estabelecimento do Reino de Angola, e séculos mais tarde com a Conferência de Berlim, em 1884, o território se firma enquanto dominado pelo imperialismo português. O início dessa situação começa a se transformar apenas no início dos anos 1950, quando a consciência política da população começa a mudar, passando a contestar a colonização.

É nesse período que Aquino e Lopes (2013) ressaltam a influência dos movimentos estudantis no questionamento do poder colonial português e na resistência contra a exploração. Um deles foi a *Casa dos Estudantes do Império* – localizada em Lisboa, consistia numa associação para estudantes angolanos que iam à metrópole para estudar. Nessa associação, “[...] os jovens passaram a desenvolver um raciocínio crítico e a compreender as infinitas possibilidades de vazão que Angola não possuía. Começaram a se cumprir ações e mobilizações na busca pela liberdade de Angola” (AQUINO; LOPES, 2013, p. 3). Do mesmo modo, o movimento *Vamos descobrir Angola*, conforme Oliveira (1981), teve sua denominação a partir de um slogan nacionalista que deu base a um grupo de intelectuais literários interessados em criar uma literatura genuinamente angolana. Essa organização não apenas publicava textos de cunho nacionalista, como promovia ações de empoderamento da população, a exemplo da campanha de alfabetização.

Por outro lado, de acordo com Tutikian (2006), é entre as décadas de 50 e 60, que se firmam as primeiras organizações políticas nos países africanos de língua portuguesa. Movimentos políticos como o MPLA, o UNITA – União Nacional para Independência Total de Angola, e o FNLA – Frente Nacional de Libertação de Angola passam a lutar ativamente pela independência de Angola da condição de colônia de Portugal, e para isso travam um conflito armado contra as forças coloniais.

Em 1961, os militantes de MPLA decidem pela primeira luta armada, para libertação dos companheiros. A reação portuguesa é muito violenta. Portugal fecha, na metrópole, a Casa dos Estudantes do Império e a Associação dos Escritores. Fecha toda a entidade cultural democrática, em Angola, como a Sociedade Cultural de Angola, o Cine-club de Luanda, a Associação dos Naturais de Angola... Intervém na Liga das Nações Africanas. Destroí as editoras e gráficas. Proíbe a circulação da literatura angolana e leva para lá apenas os textos de qualidade inferior, comerciais, que não interessam à Europa. Enchem-se as prisões e o tribunal Militar de Angola passa a um desempenho intenso. Renova-se a mentalidade de que a história angolana é a portuguesa, a cultura angolana é a portuguesa, a literatura angolana é a portuguesa. Entretanto, o tempo, a consciência e, sobretudo, o sentimento já não são os mesmos e a guerrilha pela libertação ganha a colônia. (TUTIKIAN, 2006, p. 95)

Nessa perspectiva, destaca-se que essa guerra mata milhares de pessoas e causa muitos prejuízos ao país. Anos mais tarde, em 1975, a Angola conquista sua independência. É justamente nesse cenário que *As aventuras de Ngunga* é narrado. O protagonista, Ngunga, apresenta marcas oriundas da colonização e ausências acentuadas pela guerra.

Infância colonizada e a vida de ausências

Ngunga é o filho de Angola, vítima da guerra, que por sua vez é uma consequência do poder colonial exercido no país africano pelos portugueses. O menino de apenas 13 anos tem atitudes incomuns para sua idade. Órfão desde muito cedo, ele aprendeu a cuidar de si mesmo, e a trabalhar para poder comer. Na obra, ele passa por um processo de amadurecimento, que inicia com a visão de uma criança sobre a guerra e a vida, e passa pela adolescência e o renascimento de um adolescente com um perfil adulto, com perspectivas de evolução e independência.

As ausências que marcam a vida do personagem são percebidas desde o início da narrativa, quando é revelado o passado de Ngunga, de como ele ficou órfão. Seus pais haviam sido “[...]surpreendidos pelo inimigo, um dia, nas lavras. Os colonialistas abriram fogo. O pai, que já era velho, foi morto imediatamente. A mãe tentou fugir, mas uma bala atravessou-lhe o peito.” (PEPETELA, 1981, p. 5-6). As consequências da guerra em nome da colonização deixam o protagonista sem pais, sendo que a única proteção que encontra é a dos “camaradas”, os integrantes do MPLA: “[...]A bem dizer, não tinha casa. Vivia com Nossa Luta, por vezes; outras vezes, se lhe apetecia, ia viajar pelos kimbos, [povoados], visitando amigos e conhecidos.” (PEPETELA, 1981, p. 6).

Certo dia, com um corte na perna, ele precisa ir até uma aldeia próxima onde teria tratamento. Sobre a situação, um Ngunga ainda criança reclama:

[...]Com a confusão, não reparou na ferida e magoou-se. Gritou e o socorrista sorriu.

- Um homem não se queixa, Ngunga.

- Mas eu ainda sou pequeno – respondeu ele.

- Vives como um homem livre e já tens idade de ir a escola. Bem, vamos tratar esse pé.

- Que remédio vai pôr? Arde muito?

[...]

- Não tenho medo – disse Ngunga. – Mas não gosto quando o remédio arde. (PEPETELA, 1981, p. 7).

Percebe-se que o sentimento de abandono de Ngunga se acentua ainda mais quando ele pensa em regressar ao seu povoado: “[...] Podia dormir na mata, ou partir para o Chikolui, ou o Quembo, ou o Cuanza, ou o Cuito. Ou mesmo para a Zâmbia. Ninguém perguntaria: ‘Mas onde está o Ngunga?’” (PEPETELA, 1981, p. 10), ou então:

Nossa Luta fora para a área de Cangamba, como guerrilheiro. Não voltaria ao kimbo. Quem se lembraria de procurar Ngunga, o órfão, se morresse? Quem deixou, alguma vez, uma mandioca guardada para Ngunga? Quem, ao vê-lo nu, lhe procurou uma casca de árvore? Sim, havia a velha Ntumba. Mas morreu. A velha Ntumba cuidava dele, obrigava as filhas a dar-lhe comida. As filhas resmungavam, diziam que cultivavam para elas e para os maridos, não para um vadio. Mas acabavam por obedecer à mãe. (PEPETELA, 1981, p. 10).

Nota-se que a ausência de paternidade deixa o personagem desamparado, livre para a busca de um lugar aonde encontrasse afeto e o mais próximo de uma família. Por isso, após decidir não regressar ao seu povoado, Ngunga passa a viver com o Presidente Kafuxi, que o adota. Vivendo na casa de Kafuxi, o menino

Acordava com o Sol e ia ao rio buscar água. Trazia dois baldes, um em cada mão, e mais uma bacia cheia na cabeça. Depois acompanhava as três mulheres do Presidente à Lavra, de onde saíam quando o Sol deixava de ser forte. As mulheres comiam a mandioca ou maçarocas, mas não permitiam que ele arrancasse comida. À noite, todos comiam. O que sobrava era para ele. Ainda tinha de ajudar as mulheres a lavar as panelas, antes de ir dormir. (PEPETELA, 1981, p. 12).

Observa-se que todo o afeto prometido a Ngunga se transforma em exploração. Além de aguentar as acusações injustas de ser preguiçoso e não ajudar no trabalho, o menino tinha de conviver com as mentiras e o egoísmo de Kafuxi, que negava comida aos soldados e a qualquer outra pessoa que lhe pedisse alimento. Cansado da vida de miséria, e da ausência de proteção do líder local, que deveria servir de exemplo e apoio à população, um Ngunga adolescente surge na narrativa, se rebela e vai embora, na busca por conhecer o mundo.

Apesar de Ngunga ter marcas irreparáveis causadas pela violência da colonização e da guerra, percebemos que ele resiste, a sua maneira, ao colonialismo. Da mesma forma, Pepetela, ao criar uma narrativa que representa o movimento de enfrentamento às injustiças que dizimaram Angola, usa a escrita como expressão de um posicionamento pautado na resistência.

A escrita de resistência em *As aventuras de Ngunga*

Resistir ou enfrentar uma força que tenta, de qualquer maneira, subjugar e amordaçar as vozes que lutam pela liberdade é o papel do posicionamento resistente na literatura, de acordo com Bonnici (2009b). Muito além do que um ato físico ou intelectual, a resistência é um movimento ético, e, portanto, de acordo com Chauí (2010), um ato voltado para a ação pautada nas virtudes e na moral em favor da preservação da vida em relação às injustiças, tal como o colonialismo, por exemplo.

Dessa forma, ao constituir um ato ético, Bosi (1996) acrescenta que a resistência é responsável por expor a tensão entre eu/mundo, à medida que é “[...] uma luz que ilumina o nó inextricável que ata o sujeito ao seu contexto existencial e histórico.” (BOSI, 1996 p. 26) e o momento em que o sujeito se liberta das amarras sociais e “[...] põe em crise os laços apertados que o prendem à teia das instituições.” (BOSI, 1996 p. 26-27). Assim, a resistência pode ser entendida como a busca pela verdade por meio do texto literário, a tomada de consciência da realidade social em que o sujeito está inserido e consequente emancipação do mesmo.

Para que isso aconteça, Bosi (1996) explica que o escritor pode adotar a resistência na literatura por duas maneiras: ou como tema principal da narrativa, ou como processo inerente à escrita, revelando assim, aspectos ideológicos de quem escreve. Partindo do pressuposto da resistência na literatura como forma de expor o anti-valor e manifestar o anti-discurso, resistir, lutar e manifestar passam a ser atitudes essenciais para a existência da literatura pós-colonial, pois, ao combater uma força exterior, que tenta dominar, enganar, explorar e humilhar, o escritor evidencia seu posicionamento ético e o engajamento social ao dar voz às margens.

Valorizar a voz de um grupo social esquecido ou que tenta ser apagado da História, é um dos principais objetivos do romance – narrar o real, tocar, denunciar, fazer refletir, perspectiva que tem se solidificado na literatura pós-colonial, que torna manifesto sua rejeição ao controle e exploração cultural das metrópoles em relação às ex-colônias e seus habitantes.

Por conseguinte, é narrada a história de Ngunga. O menino, apesar das perdas causadas pela guerra e pelo colonialismo, jamais se deixa abater perante a vida. Um dos momentos que demonstra sua bravura é quando, após deixar a propriedade do Presidente, e passar por alguns povoados à procura de Nossa Luta, chega a uma seção de guerrilheiros e recebe uma triste notícia sobre seu amigo: “Morreu? – Ngunga não queria acreditar. – Nossa Luta morreu? [...] Afinal eu andava a procura dele. Era o meu único amigo.” (PEPETELA, 1981, p. 17), porque “[...]Foi Nossa Luta quem cuidou dele quando os pais foram assassinados, foi Nossa Luta quem o acarinhou e ensinou.”(PEPETELA, 1981, p. 17). Contrariamente, a perda do amigo não faz

com que Ngunga enfraqueça, pense em desistir do seu ideal de luta, mas sim que ele decida persistir no movimento e seguir ajudando na luta pela independência de seu país.

Apesar da coragem, e da ânsia por ajudar na guerra, Ngunga é impedido pelo Comandante de ficar numa seção, em meio a soldados e no envolvimento direto nas ações de guerrilha. O Comandante, vendo as qualidades do menino, e seu desejo pelo ingresso na luta armada, aconselha-o: “És um rapaz esperto e corajoso. Por isso deves estudar.” (PEPETELA, 1981, p. 20). Ainda que tivesse recusado a oferta inicialmente, Ngunga fica curioso: “[...] Como é que se parecia um professor? Sim, precisava de conhecer o professor.” (PEPETELA, 1981, p. 20).

O desejo do menino em participar da guerra, ajudar seu povo, e até uma forma de vingar a morte de seus pais, o faz aceitar a ideia de estudar. Já na escola, que “[...]era só uma cubata de capim para o professor e, numa sombra, alguns bancos de pau e uma mesa.” (PEPETELA, 1981, p. 23), Ngunga passa a viver com o professor União, e com Chivuala, um menino na mesma situação que o protagonista.

Neste momento, o valor da educação como aspecto de resistência ao colonialismo é destacado na obra:

[...]O Professor União tinha sido enviado de longe pelo Movimento, para ensinar. **No tempo do colonialismo, ali nunca tinha havido escola, raros eram os homens que sabiam ler e escrever. Mas agora o povo começava a ser livre.** O movimento, que era de todos, criava a liberdade com as armas. A escola era uma grande vitória sobre o colonialismo. O povo devia ajudar o MPLA e o professor em tudo. Assim, o seu trabalho seria útil. As crianças deveriam aprender a ler e a escrever e, acima de tudo, a defender a Revolução. Para bem defender a Revolução, que era pra o bem de todos, tinham de estudar e ser disciplinados. (PEPETELA, 1981, p. 24 grifos acrescidos).

Num país marcado pelo colonialismo como a Angola, poder estudar significa a tomada de consciência do sujeito, e o início da ruptura do processo de dominação portuguesa. Dessa maneira, assim como todas as atividades dos movimentos políticos de oposição à colonização (MPLA, UNITA, FNLA) sofreram repressão das tropas portuguesas, também a escola, que buscava a descolonização da mente, foi atacada. Quando estavam tomando o café da manhã, o professor União e Ngunga foram assaltados por uma tropa portuguesa. Munidos de metralhadoras, os dois constituem resistência física e enfrentam os colonialistas.

Apesar dos esforços dos dois, o professor é atingido: “- Estou ferido. Foge, Ngunga. Eu vou abrir o fogo e tu foges.” (PEPETELA, 1981, p. 31). Ao demonstrar, mais uma vez, bravura e coragem, o personagem enfrenta a tropa: “- Não – e Ngunga disparou com raiva sobre as sombras que se moviam, avançando a rastejar.” (PEPETELA, 1981, p. 20), e consegue matar

um dos oponentes. Depois disso, os dois foram encurralados, e levados para um posto dos inimigos. No acampamento, Ngunga e União foram separados, e não voltaram a se ver. Após dois dias de prisão, Ngunga foi levado “[...]à presença do agente da PIDE [Polícia Internacional e de Defesa do Estado]”(PEPETELA, 1981, p. 35), e, frente a frente com o policial branco, ouve: “ – Este é que é o Ngunga? Um bandido tão pequeno! Foste tu que disparaste sobre os soldados, não é?” (PEPETELA, 1981, p. 36) e ainda:

– Vocês julgam que vão ser independentes [...] – Estúpidos! Se não fossem os brancos, nós nem conhecíamos a luz elétrica. Já tinhas visto a luz elétrica e os carros, seu burro? E queres ser livre. Livre de quê? Para andares nu a subir nas árvores? (PEPETELA, 1981, p. 36)

Neste momento, Ngunga expressa a resistência sob a forma do silêncio. Calado, ele finge não falar português, enquanto pensava nos dois soldados portugueses que havia matado. Ao invés de enfrentar as agressões, injustiças e mentiras disparadas pelo agente, ele, sabiamente, usou toda sua força e inteligência para tramar uma fuga, e assim fez. Uma vez que havia sido imposta a ele a condição de “criado”, para não dizer escravo, pelo agente da PIDE, Ngunga tinha livre acesso às instalações do acampamento. Para ele, fugir dali seria muito fácil, porém, como Ngunga era muito honrado, não poderia sair dali sem libertar o professor União da tortura a qual vinha sendo submetido desde que haviam sido capturados. Mas, enquanto planejava a fuga, o professor é levado para longe dali. Já a caminho do helicóptero, o professor grita para um novo Ngunga, não mais uma criança ou adolescente, mas um companheiro de luta: “– Nunca te esqueças de que és um pioneiro do MPLA. Luta onde estiveres, Ngunga!” (PEPETELA, 1981, p. 38).

A partir desse momento, a narrativa deixa explícito o posicionamento de resistência ao poder colonial desempenhado por Ngunga. Na calada da noite, ele pegou uma pistola, foi até a sala onde estava o chefe da PIDE e “[...]apontou-a para o branco. Ele ouviu barulho e virou a cabeça. A primeira bala atravessou-lhe o peito. A segunda foi na cabeça. Ngunga foi ao quarto, apanhou a G3 e a FN que lá estavam. Com as três armas, saiu de casa e meteu-se na noite.” (PEPETELA, 1981, p. 39). Apesar de violenta, a decisão de Ngunga pela morte do homem era uma tentativa de vingar tantas outras injustiças: “[...] Matou-o porque era um inimigo, um assassino. Matou-o porque torturava os patriotas.” (PEPETELA, 1981, p. 39).

Livre, o menino pensa em como faria para encontrar soldados do MPLA, ao mesmo tempo que imaginava se União ainda estaria vivo. Nesse instante, o protagonista relembra de todas as pessoas das quais gostava e não gostava: “[...] os pais, Mussango, Kafuxi, Chicuala,

União. Bons ou maus, todos tinham uma coisa boa: recusavam ser escravos, recusavam o patrão colonialista.” (PEPETELA, 1981, p. 41). A admiração do protagonista por sujeitos que enfrentavam o poder colonial, isto é, resistentes à dominação, é marca de um menino que tinha seus próprios heróis, gente da sua terra, que lutava pela independência de Angola e pelo fim do processo colonizatório.

Depois de três dias andando pela mata, Ngunga finalmente chega a um povoado. Sem saber se eram soldados do MPLA ou não, ele aguarda até ter certeza que não eram os inimigos. Ao perceber a farda e as insígnias do movimento, ele se aproxima e conta tudo o que havia acontecido desde o ataque à escola. Em seguida, inicia o percurso para encontrar a seção comandada por Mavinga, à qual pertencia. Na passagem por um povoado, se apaixona por Uassamba, uma jovem da mesma idade que ele, mas que estava casada com um velho que havia pagado o dote aos pais da moça.

Uma das últimas ações de Ngunga é chegar até a seção de Mavinga. Para o amigo, ele relata toda sua trajetória até chegar ali, e revela sua insatisfação quanto à tradição africana da compra do dote de Uassamba. Sobre a revolta de Ngunga, Mavinga aconselha o amigo a não desistir, e a continuar tentando melhorar a vida de todos, e que por isso deveria estudar. Por isso, o protagonista: “Partiu sozinho para a escola. Um homem tinha nascido dentro do pequeno Ngunga.” (PEPETELA, 1981, p. 57). Chama atenção novamente o destaque ao poder da educação enquanto forma de resistência e de promoção de mudanças estruturais em Angola. Um novo Ngunga surge na obra, maduro, forte, e consciente de seu papel na construção de um novo país.

Por outro lado, Ngunga resiste à colonização quando se recusa a falar a língua do colonizador. Apesar de falar algumas palavras em português, e de entender o que os brancos falavam, o menino só se comunica em Mbundo, valorizando, assim, não só sua cultura e seu povo, como manifesta a negação do poder imperialista em níveis linguísticos e éticos. Tal perspectiva pode ser percebida num episódio, logo depois da chegada de Ngunga e do professor na prisão dos inimigos quando o comandante, ao se referir à resistência do professor em entregar nomes e a localização de tropas do MPLA, dispara: “- O teu professor ainda acaba por morrer sem falar, o cão!” (PEPETELA, 1981, p. 36), ao que Ngunga, enfrentando, o colonizador, se mantém estático: “Ngunga percebia um bocado de português, mas fingia que não. O outro não acrescentou mais nada.” (PEPETELA, 1981, p. 36).

Também, no decorrer da narrativa, Ngunga é tentado, diversas vezes, à corrupção de valores morais, como a bravura e a coragem. Quando, por exemplo, não se conforma com as injustiças praticadas pelos colonialistas, ou quando se rebela contra a ganância de Kafuxi, ele exerce seu posicionamento resistente ao enfrentar ideais que não iam de encontro à cultura africana. Nesse caso, a resistência se constitui enquanto oposição a um aspecto comum das atitudes do colonizador que, ganancioso e com ideais individualistas, explorava pessoas em detrimento do lucro, opondo-se aos valores da vida em comunidade e do bem comum.

Tais valores podem ser a expressão não só dos ideais do MPLA, como princípios defendidos por Pepetela. Enquanto escritor e militante, Pepetela não é indiferente aos crimes da colonização cometidos contra a Angola. Ao se engajar na luta com o MPLA, ele encontra na escrita a forma de expressar seu posicionamento, e fazer com que a voz do colonizado seja escutada, assim como resistir a uma injustiça. Já no final de *As aventuras de Ngunga*, quando o enredo assume características de mito, e o protagonista perde sua identidade pessoal, alterando seu nome em detrimento da formação de uma identidade nacional, a voz do escritor passa a dialogar diretamente com o leitor por meio da voz do narrador:

Vê bem, camarada.

Não serás, afinal, tu? Não será numa parte desconhecida de ti próprio que se esconde modestamente o pequeno Ngunga?

Ou talvez Ngunga tivesse o poder misterioso e esteja agora em todos nós, nós os que recusamos viver no arame farpado, nós os que recusamos o mundo dos patrões e dos criados, nós os que queremos o mel para todos. Se Ngunga está em todos nós, que esperamos então para o fazer crescer? (PEPETELA, 1981, p. 59)

No trecho acima fica evidente o posicionamento de resistência e engajamento à questão de libertação nacional. Pepetela não só ficcionaliza a vida de milhares de crianças e do restante da população por meio de Ngunga, como promove consciência sobre os efeitos do colonialismo e convoca os angolanos a lutar por sua liberdade.

Conforme Bosi (1996), a escrita envolve o posicionamento ético do escritor que, frente a uma injustiça, como a colonização, no caso de Angola, exprime, por meio da escrita, uma forma de se opor aos fatos. A literatura, neste caso, se torna um instrumento de luta, por meio do qual se expressa o anti-valor. O antidiscurso é, por conseguinte, a expressão da oposição ao discurso hegemônico, o exercício da resistência que possibilita ao escritor levar ao primeiro plano do texto ficcional a oposição de práticas e ideias existentes em seu em seu meio.

Por isso, quando Pepetela decide ficcionalizar dois fatos de importância central para a constituição do imaginário social angolano, como a colonização e a Guerra de Independência, ele não apenas faz com que o colonizado conte sua história, dando expressão a versão dos fatos geralmente omitida, como o representa de forma empoderada, com ações que visam sua liberdade, sua descolonização. A expressão de tais aspectos, na literatura, é descrita por Bosi (1996) como uma estética voltada para a resistência. Ao descrever a resistência como a tomada de consciência dos fatos ocorridos, Bosi refere-se à literatura como um lugar de verdade e denúncia. Ao lutar pela liberdade, o escritor expõe sua visão perante a tensão causada pelas lutas pelo poder no mundo, representado aqui pelo colonialismo, e se empenha em promover a libertação das amarras impostas por tais movimentos de dominação.

Ao escolher como protagonista um menino negro, num contexto em que o colonialismo se impunha justamente pela afirmação da supremacia branca, Pepetela enfrenta paradigmas racistas, que tentavam calar o negro, e subjugar-lo, colocando-o numa posição de subalterno e de corpo passível de violência. Ao dar voz a Ngunga, o autor acaba por dar voz a todos os sujeitos que foram vítimas da colonização, e que tiveram suas vidas controladas pela metrópole desde então. Por narrar os fatos de uma criança engajada na guerra pela independência de Angola, Pepetela reverte a concepção do colonizado “dócil”, passivo, que “se deixava colonizar”. A força, coragem e atitudes de Ngunga lembram, pelo contrário, as de o guerreiro de uma tribo, de um sujeito preocupado com a vida em comunidade, orgulhoso de sua gente, e combatente do inimigo.

Outro fato que chama atenção sobre a resistência à colonização é a escrita da obra em Mbundo. Apesar de atender a uma necessidade didática, para uso nas escolas do MPLA, *As aventuras de Ngunga* não só representa a apropriação e o enfrentamento de Pepetela ao colonialismo, como evidencia seu posicionamento anticolonial ao reverter um dos princípios básicos por meio dos quais ocorre a colonização: a língua. Como nos lembra Fanon (2008), se a língua do colonizador coloca o colonizado em uma posição de falsa igualdade com os brancos por depreciá-los com valores e aspectos culturais que não são destes, a inversão linguística e a valorização de um idioma nativo representa a resistência do escritor, que inicia a descolonização de Angola narrativamente, e constrói a independência do país por meio da narrativa e da literatura.

Portanto, destacamos a escrita de *As aventuras de Ngunga* enquanto uma obra pautada na resistência e no posicionamento ético de Pepetela. A representação de um percurso marcado

pela violência da colonização, e pela brutalidade da guerra são fatos que marcam a vida de Ngunga, mas que não o deixam passivo perante a colonização, mas sim o fazem lutar por sua liberdade e a de seu povo. A educação, nesse contexto, assume papel central como a forma de superar o trauma da guerra, reverter o legado da colonização, e resistir contra qualquer forma de opressão.

Considerações finais

Ngunga é o filho de Angola, aquele que vinga as mortes da colonização, e honra sua pátria. É filho de um passado marcado pela guerra e pela colonização, mas que não se deixa abater, lutando para superar suas perdas e intencionando grandes perspectivas para o futuro. A presença simbólica de um menino negro como protagonista em *As aventuras de Ngunga* acaba por criar uma metáfora que representa a vida de Angola enquanto país que passa por um renascimento, percurso no qual se livra do colonialismo e inicia uma nova fase em sua história.

No princípio da narrativa, Ngunga é representado com atitudes infantis, período no qual as ausências criadas pelo colonialismo e pela guerra ainda o afetam e o fazem sentir-se abandonado. Contudo, quando decide ingressar no movimento que lutava pela independência do país africano, o protagonista evidencia seu amadurecimento, passando de uma adolescência utópica, em que sonhava com um mundo ideal e justo, onde todos os homens fossem bons, para uma vida adulta, de enfrentamento físico ao poder colonial, e a consciência dos problemas da nação. Paralelamente, a história de Angola é muito parecida com a do personagem. Após um longo período de dominação portuguesa, a ex-colônia atinge sua “maturidade” política apenas nos anos 1950, como nos lembra Tutikian, quando o país decide enfrentar o colonialismo pela busca da independência.

Quando Pepetela desafia o poder da colônia portuguesa ficcionalizando um país e um povo que não se conformam com sua exploração, ele pratica a resistência por meio da literatura. A construção de uma Angola livre, mesmo que ficcional, e a representação de temas como a colonização e a guerra por independência, faz com que Pepetela pratique aquilo que Bosi (1996) chama de “posicionamento ético”. Ao expressar, na literatura, sua oposição ao sistema colonialista, que roubava angolanos, controlava-os com base num ideal racista, e que perpetuava o legado deixado pela escravização, o escritor realiza a expressão do seu posicionamento resistente, de luta pela igualdade e de direitos.

Da mesma forma, a resistência enquanto tema é percebida na inconformidade de Ngunga com sua vida marcada pelas perdas, e a decisão em participar da guerra. A insubordinação à corrupção moral, e a resistência em adotar a língua do colonizador são outros aspectos que possibilitam a afirmação resistente do protagonista. Tais atitudes não só marcam o amadurecimento do protagonista e a luta por ideais como a honestidade e a igualdade, como expressam o desejo pelo fim da subjugação do negro. Ainda, por mais que Ngunga lute e enfrente o colonialismo, esse ainda possui muita força na narrativa. A única alternativa encontrada como esperança para a superação do passado colonial e a promoção de verdadeiras mudanças no país é por meio da educação.

Tal aspecto pode ser explicado pela intencionalidade inicial do livro, que era uma cartilha, com fins didáticos a ser usada nos acampamentos do MPLA, porém, além da resistência, a obra vai de encontro aos ideais defendidos por Pepetela. O autor, por sua vez, constitui resistência quando decide contar a história de um personagem marginalizado, dando voz ao lado da História muitas vezes omitida ou esquecida.

Além disso, a voz do escritor se faz presente na obra, no final da narrativa, quando o narrador passa a dialogar com o leitor e a indagar se um pouco de Ngunga, na verdade, não existe em cada um de nós, que não se conforma com uma injustiça, que luta por aqueles que não conseguem lutar, e que não aceita a condição de margem, todos aqueles que gritam até serem ouvidos pelo centro.

Ao publicar, mesmo que de forma artesanal, *As aventuras de Ngunga*, o escritor exerce resistência apoiada numa descentralização linguística quando dá destaque à língua Mbundo. Se “[...]falar é existir absolutamente para o outro.” (FANON, 2008, p. 33), a obra de Pepetela resiste ao poder colonial, e luta, narrativamente pela independência angolana à medida que fala para seus companheiros de luta, àqueles que se insubordinam a Portugal. Ngunga existe, portanto para além do poder colonizatório, ele existe para a Angola livre, de negros livres, que encontraram na revolta armada a forma de buscar sua liberdade. Pepetela faz com que Ngunga deixe não existir para os olhos do colonizador, e torna-o um herói, um mito de formação da nação angolana. Fanon demonstra, também, como a linguagem pode fazer como que o sujeito negro seja dominado. Nesse ponto, para Bosi, é justamente pela linguagem que o sujeito enfrenta sua condição de minoridade, quando torna a escrita um instrumento de luta e revisão histórica materializada na literatura.

Destaca-se, assim, a escrita de resistência da obra, que ocorre tanto pelo tema, quanto pela forma. A obra *As aventuras de Ngunga* pode ser considerada uma narrativa de resistência não só pela temática, isto é, da representação de um protagonista jovem que enfrenta o colonialismo em seu país, como pela forma, quando Pepetela usa de valores, e da própria cultura angolana para a construção da obra, o que evidencia seu papel ético que não se abstém da luta por uma Angola livre tanto no real, quanto no imaginado.

Por fim, Pepetela consolida a expressão de uma literatura genuinamente pós-colonial. O período denominado pós-colonial de literatura se estabelece no período compreendido desde a chegada dos europeus e a criação de colônias e prolonga-se para além do fim da escravidão e a consequente descolonização, que se estende até a atualidade, conforme Bonnici (2009b). A escrita pautada na resistência, e a representação da luta pela descolonização são temas comuns na literatura pós-colonial, assim como o racismo, a violência, conflitos culturais, identitários, entre outros.

O final da história, evidentemente, não apresenta o final da luta armada, ou algo semelhante à paz, primeiro porque naquela época Pepetela ainda participava da guerrilha e o confronto ainda se espalhava pelo país e a narrativa é contemporânea ao fato em si, e segundo, podemos buscar uma interpretação simbólica da impossibilidade do fim da colonização e seus efeitos.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, Denise de Paula Veras; LOPES, Sebastião Alves Teixeira. Tradição e identidade n'As aventuras de Ngunga. *Anais... do SILEL – Simpósio Nacional de Letras e Linguística, e Simpósio Internacional de Letras e Linguística*. Volume 3, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2013. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2013_2520.pdf> Acesso em: 24 jan. 2019.
- BONNICI, Thomas. Teoria e crítica pós-colonialistas. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. (Orgs.). *Teoria literária: abordagens históricas e tendência contemporâneas*. 3 ed. Maringá: Eduem, 2009a.
- BONNICI, Thomas. (Org.) *Resistência e intervenção nas literaturas pós-coloniais*. Maringá: EDUEM, 2009b.
- BOSI, Alfredo. Narrativa e resistência. *Revista Itinerários*, Araraquara, n.10, 1996. Disponível em: <<http://piwik.seer.fclar.unesp.br/itinerarios/article/viewFile/2577/2207>> Acesso em: 20 jan. 2019
- CHAUI, Marilena de Souza. *Iniciação à filosofia: Ensino Médio*, volume único. 1ª reimpressão. São Paulo: Ática, 2010.
- DICIO. *Pós*. 2018. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/>> Acesso em: 22jan. 2019.
- FANON, Frantz. O negro e a linguagem. In: _____. *Pele negra, máscaras brancas*. trad Renato daSilveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

LAURITI, Thiago. As aventuras de Ngunga, de Pepetela: muito além da cartilha. *Via Atlântica*, n° 14 dez/2008. p. 211-216. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50408>> Acesso em 23 jan. 2019.

OLIVEIRA, Mário António Fernandes de. Memória de Luanda (1949-1953): "Vamos Descobrir Angola!" *Luso-Brazilian Review*, vol.18, n° 2, p. 311-322, 1981. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3513564>.> Acesso em: 27 jan. 2019

PEPETELA. *As aventuras de Ngunga*. 2ed.São Paulo: Ática, 1981.

TUTIKIAN, Jane. Pepetela: uma identidade utópica e uma identidade distópica para Angola. In: _____. *Velhas identidades novas: o pós-colonialismo e a emergência das nações de língua portuguesa*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2006. p. 89-129.

Artigo recebido em agosto de 2019.

Artigo aceito em outubro de 2019.